




RELATÓRIO ECONÔMICO

...
.Sincomavi

**Sindicato do Comércio Varejista de Material de Construção,
Maquinismos, Ferragens, Tintas, Louças e Vidros da Grande São Paulo**

 www.sincomavi.org.br

 sincomavi@sincomavi.org.br

 Telefone (11) 3488-8200

Agosto 2024

> **Palavra do Presidente**

> **Carta de Conjuntura**

> **Pesquisa Mensal do Comércio**

> **Mercado imobiliário**

> **Indicadores da Construção Civil**

> **Mercado de Trabalho**

> **Indicadores Setoriais**



PALAVRA DO PRESIDENTE

O Brasil sempre demonstrou grande vocação para pular de crise em crise desde sua "descoberta", deixando nós, empreendedores, vivendo numa eterna corda bamba. Seja uma crise interna ou externa, motivada ou não, o mercado nacional se notabiliza pela sua volatilidade.

Esse cenário tem se revelado ainda mais nebuloso nos dias atuais. Além dos problemas corriqueiros, vivemos um período no qual soma-se insegurança jurídica, instabilidade política, guerras, atentados e desconfiança com as perspectivas econômicas a médio e longo prazo.

Apesar disso, muitos comemoram a redução na taxa de desemprego e de inadimplência, um certo grau de controle da inflação e até o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil. Tudo bem! No entanto, é bom lembrar que muitos economistas estão apostando que esse fôlego não se estenderá por muito tempo. Ou seja, estamos novamente em pleno voo da galinha.

Por essa razão, bem como pelos inúmeros exemplos do passado, a recomendação é que os empresários do segmento sejam muito comedidos na hora de investir e ampliar seus negócios. Hoje, como ontem, a economia brasileira não é capaz de proporcionar muito espaço para manobras. Uma vez tomada uma direção, seja o que Deus quiser!

Optar por qualquer estratégia olhando para o retrovisor é algo muito arriscado. De qualquer modo, as tendências e, principalmente, as análises do economista Jaime Vasconcellos, presentes neste relatório, podem ser de grande valia na hora de tentar minimamente decifrar esse grande enigma que é e sempre foi a economia brasileira.

Reinaldo Pedro Correa
Presidente do Sincomavi

CARTA DE CONJUNTURA



Nossa fotografia de agosto mostra que a economia doméstica continua mais resiliente do que o esperado, mesmo frente a um cenário internacional de tensões e incertezas e interno com riscos fiscais, ano eleitoral e pós-crise social e econômica com as enchentes no Rio Grande do Sul. Abaixo vamos demonstrar o porquê desse cenário aquecido e os riscos de se tornar sobreaquecido.

Em junho de 2023 projetava-se que o PIB de 2024 cresceria por volta de 0,8%. Neste primeiro semestre as estimativas foram ajustadas semana após semana e até 2,5% de avanço foi citado. Com a crise no Rio Grande do Sul, muitas projeções passaram a ser em torno dos +2%, ou até pouco menos que isso. Todavia, o Boletim Focus do Banco Central já nos aponta em agosto a expectativa de evolução por volta dos 2,2% para 2024.

Outros indicadores que mostram essa resiliência doméstica nos auxiliam a compreender tal quadro. O IBC-Br, considerado a prévia do PIB nacional, subiu 1,4% em junho (em relação a maio), número bem superior ao esperado pelo mercado. Já o setor de serviços, o principal da nossa economia, voltou a crescer em junho (+1,7% em relação a maio) e atingiu o seu maior patamar da série histórica. Isso tudo sem contar o avanço do volume de vendas do comércio em mais de 5% no primeiro semestre e o próprio mercado de trabalho, que deve novamente contar no atual ano com 1,5 milhão de vagas criadas.

Se por um lado, os dados acima se revelam dignos de alento e até certa esperança, por outro é importante observar quais são as suas origens e suas fragilidades, principalmente no quesito de sustentação temporal. É evidente que a economia brasileira cresce novamente pelo pilar do consumo das famílias. É um resultado claro de uma retroalimentação positiva do emprego gerando emprego, o que ajuda a massa de salários, mas que também é proveniente da aquisição de crédito (endividamento) e queima de poupança. Fora isso, há de se considerar o avanço de políticas assistenciais que injetaram e injetam bilhões na economia.

Se no curto prazo este modelo de crescimento gera resultados, também se sabe que o pilar do consumo tem prazo de validade restrito quando o mesmo é praticamente o único motor da economia. Seja pelo avanço da demanda superar ao ritmo de oferta, o que gera inflação, ou pelo esgotamento fiscal para sustentação de equilíbrio e confiança na saúde financeira do setor público, as trincas deste modelo sempre aparecem; mais dia, menos dia.

Inclusive, já se nota um movimento ascendente das expectativas inflacionárias no país, tanto que o risco de essa desancoragem ocorrer paralisou o Banco Central de dar continuidade às reduções de juros em 2024. E fica claro que esse rearranjo dos juros, motivada pela preocupação com a inflação, também provém de aumento do risco fiscal brasileiro, haja vista os movimentos recentes do câmbio a cada fala “despretensiosa” de nossos governantes.

Em suma, não se nega o aquecimento econômico brasileiro no curto prazo. O que traz preocupações, até pelo histórico, é que a falta de um ambiente mais propício aos avanços de produtividade doméstica, seja na mão de obra ou para maior absorção tecnológica, e o desrespeito aos níveis sustentáveis dos gastos públicos, tendem a nos levar de novo ao perigoso caminho do risco inflacionário e desequilíbrio fiscal. Para 2024 o cenário está até que meio dado, e continua forte, mas há que se compreender as fragilidades nos horizontes para que possamos nos planejar antecipadamente em relação aos desafios que tendem a nos afligir.

Seguem abaixo as nossas projeções aos principais indicadores macroeconômicos ainda para 2024:

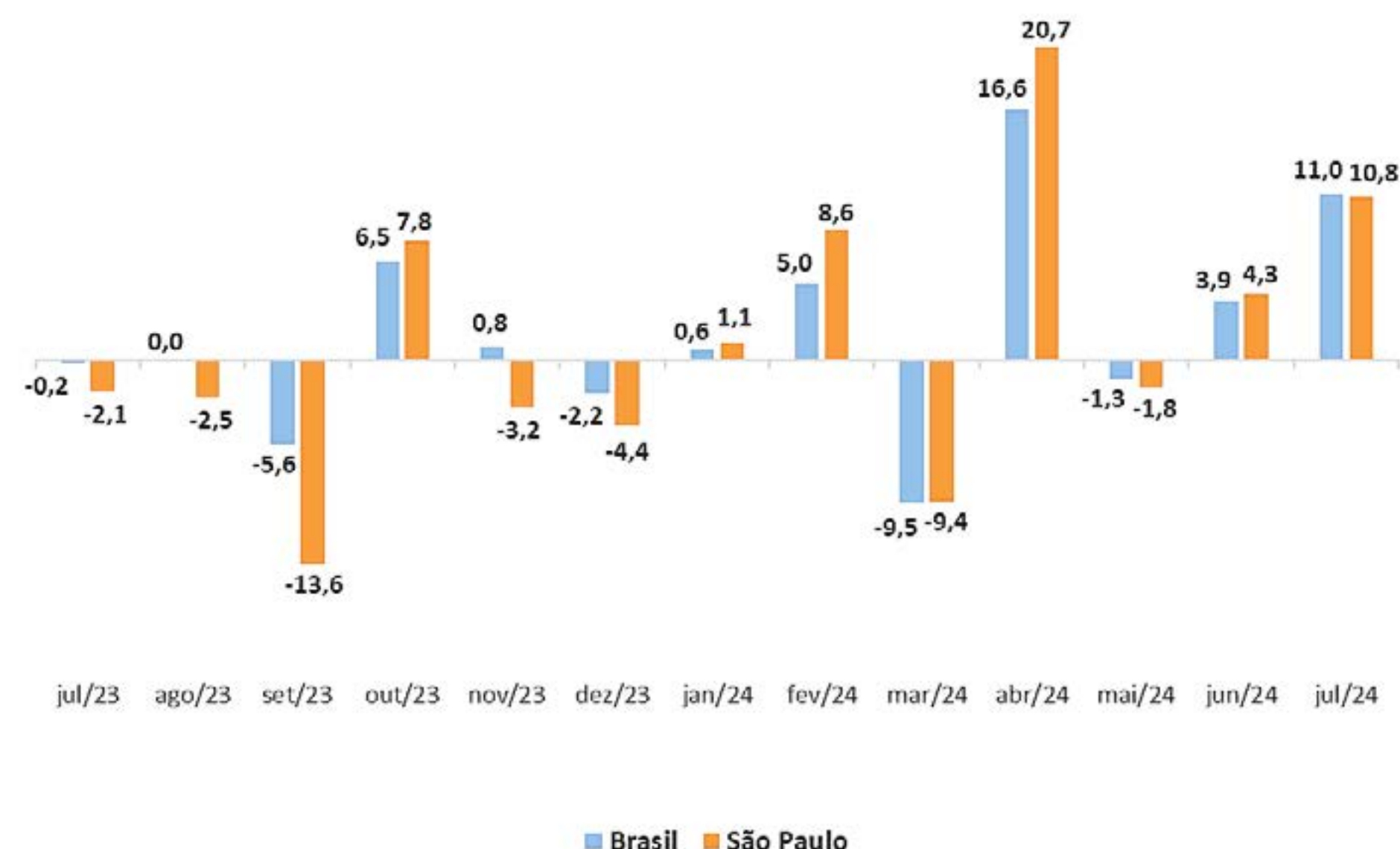
- PIB: 2,4%
- IPCA: 4,30%
- SELIC: 10,50% a.a.
- Taxa de Câmbio: 5,35
- Balança comercial: + US\$ 80 bi
- Taxa de desemprego ao fim do ano (PNAD): 6,8%
- Volume de vendas do comércio ampliado BR (12 meses): +3,0%
- Volume de serviços BR (12 meses): +2,4%



PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO

Em julho, segundo a Pesquisa Mensal do Comércio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PMC/IBGE), o volume de vendas de material de construção no Estado de São Paulo cresceu 10,8% contra o mesmo mês do ano passado. Este aumento é o segundo consecutivo do indicador, que em junho já havia contado com alta de 4,3% em relação ao mesmo período de 2023. No país, após avanço de 3,9% em junho, o segundo semestre do ano registrou elevação de 11,0%.

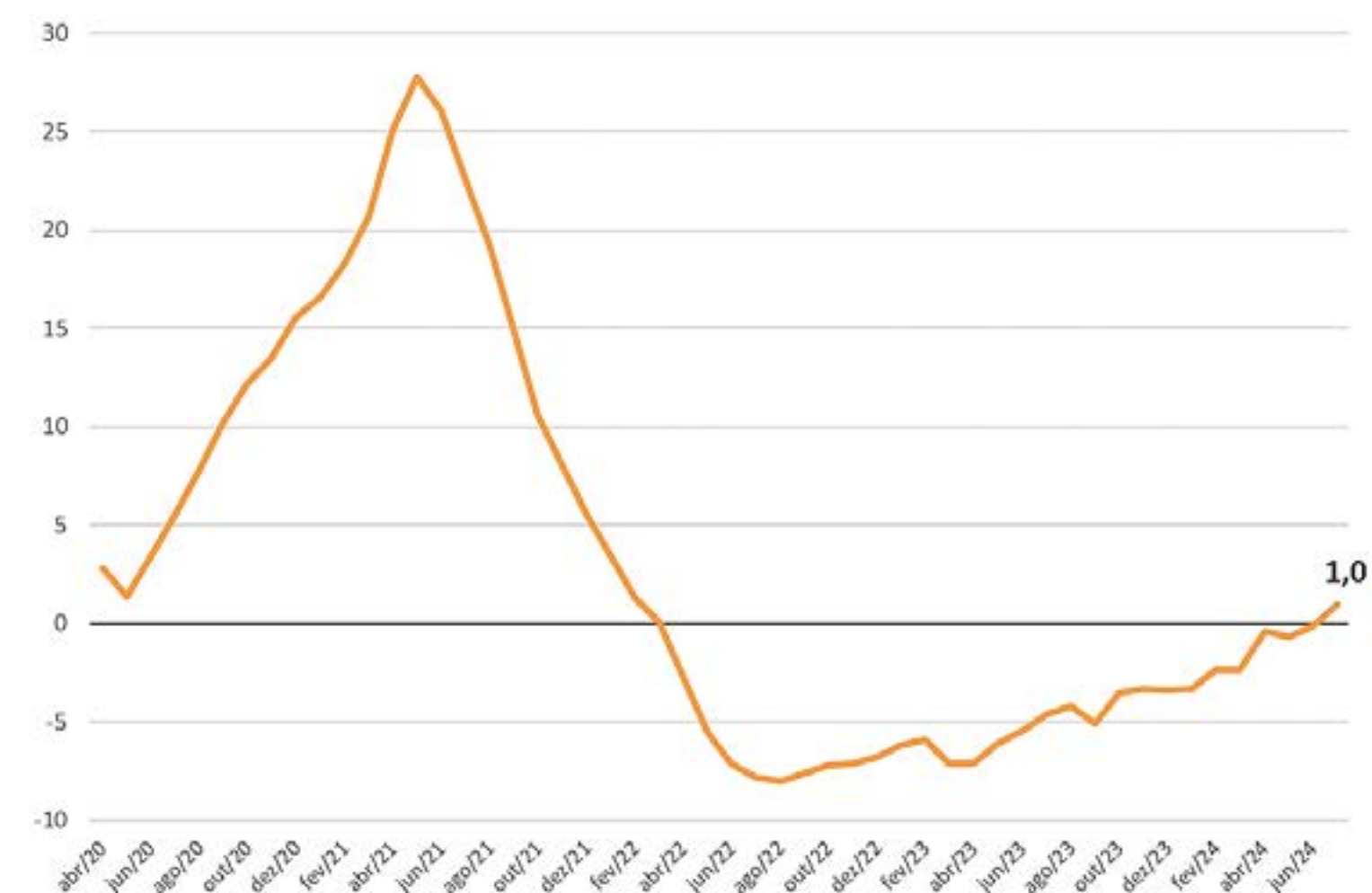
Evolução mensal do índice de volume de vendas do comércio de material de construção – Mês contra mesmo mês do ano anterior



Fonte: PMC/IBGE

O desempenho do mercado em julho confirmou o prognóstico realizado pelo economista Jaime Vasconcellos para 2024, ou seja, seria neste ano que, enfim, a taxa acumulada em 12 meses do volume de vendas de material de construção em São Paulo voltaria a alcançar posição positiva, com 1% de avanço. “Na verdade, após a grande evolução das vendas na segunda metade de 2020 e em meados de 2021, o setor passou por retração de seu ritmo e desde o primeiro trimestre de 2022 o indicador acumulado em doze meses ficou em patamar negativo, o que durou até o fim do primeiro semestre de 2024”, comenta Jaime.

Evolução do índice de volume de vendas do comércio de material de construção do Estado de São Paulo – Taxa acumulada de 12 meses



Fonte: PMC/IBGE

PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO

Os resultados do bimestre junho-julho consolidam a trajetória de recuperação do setor após a “ressaca” registrada em 2022 e 2023. “É bem verdade que ainda temos movimentos oscilantes mês a mês, mas é inevitável dizer que o setor é um dos atingidos positivamente pela favorável conjuntura do consumo das famílias, devido principalmente a força do mercado de trabalho no país, que acaba sendo base de renda e acesso à crédito pela população, bem como em razão de outros efeitos secundários, como o avanço do mercado imobiliário”.

Para Jaime, a expectativa é que ocorra a continuidade dos bons números do segmento, enquanto esse cenário de aquecimento da economia doméstica assim permitir. Os alertas que estão no horizonte, porém, referem-se ao cenário inflacionário, que causa alguma preocupação, assim como o possível avanço dos juros para conter tal tendência. “Ambos os movimentos devem trazer pragmatismo em uma análise temporal mais otimista e alongada do setor”, finaliza.

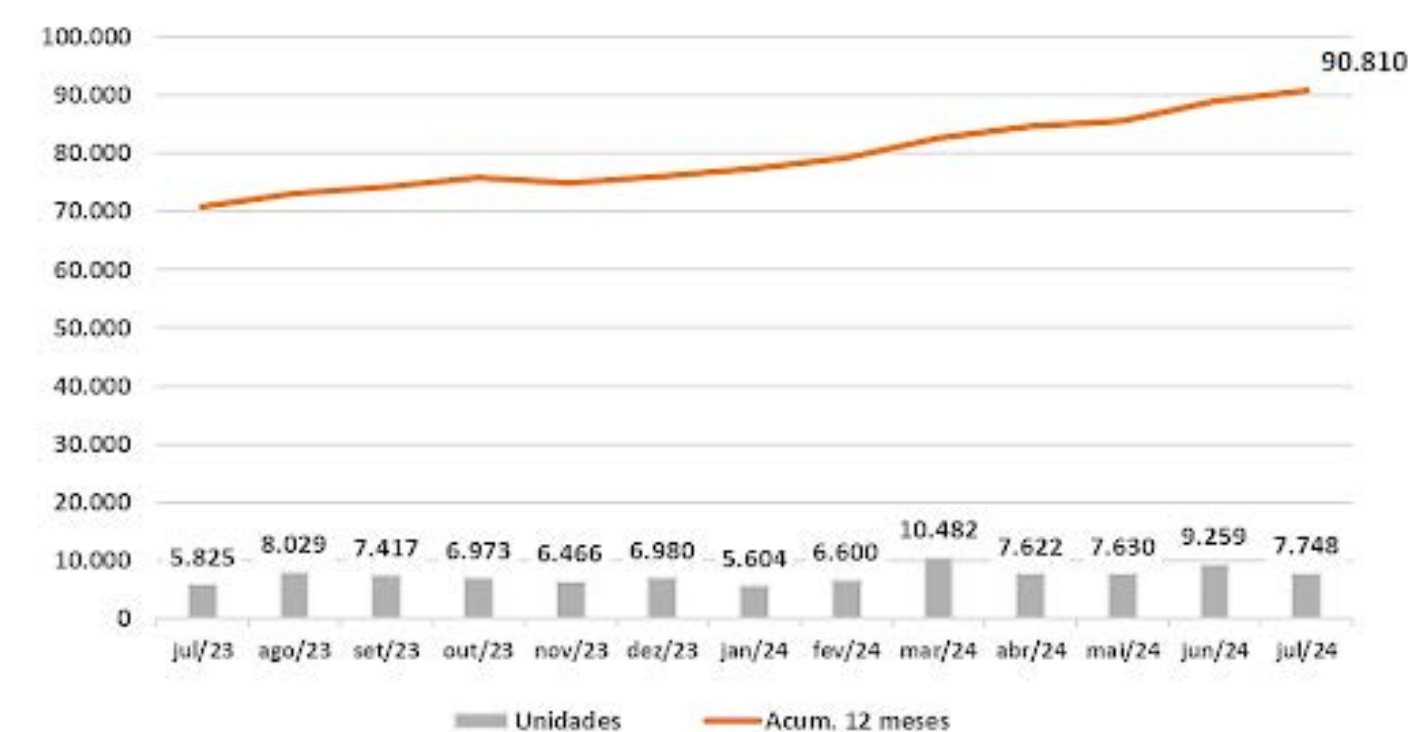
OBS: O Volume de Vendas observado pela PMC resulta da deflação dos valores nominais correntes da receita bruta de revenda por índices de preços específicos para cada grupo de atividade, e para cada Unidade da Federação, construídos a partir dos relativos de preços do IPCA e do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil – SINAPI. A pesquisa também avalia apenas empresas com 20 ocupados ou mais.



MERCADO IMOBILIÁRIO

O mercado imobiliário paulistano apresentou mais uma vez avanço no número de novas residências vendidas em relação ao mesmo mês do ano passado, segundo o SecoviSP. Em julho foram 7.748 imóveis comercializados contra 5.825 do mesmo mês de 2023, ou seja, uma evolução de 33%. Em doze meses, são 90.810 residências vendidas na capital paulista, resultado superior em 2,16% em comparação a igual período finalizado em junho.

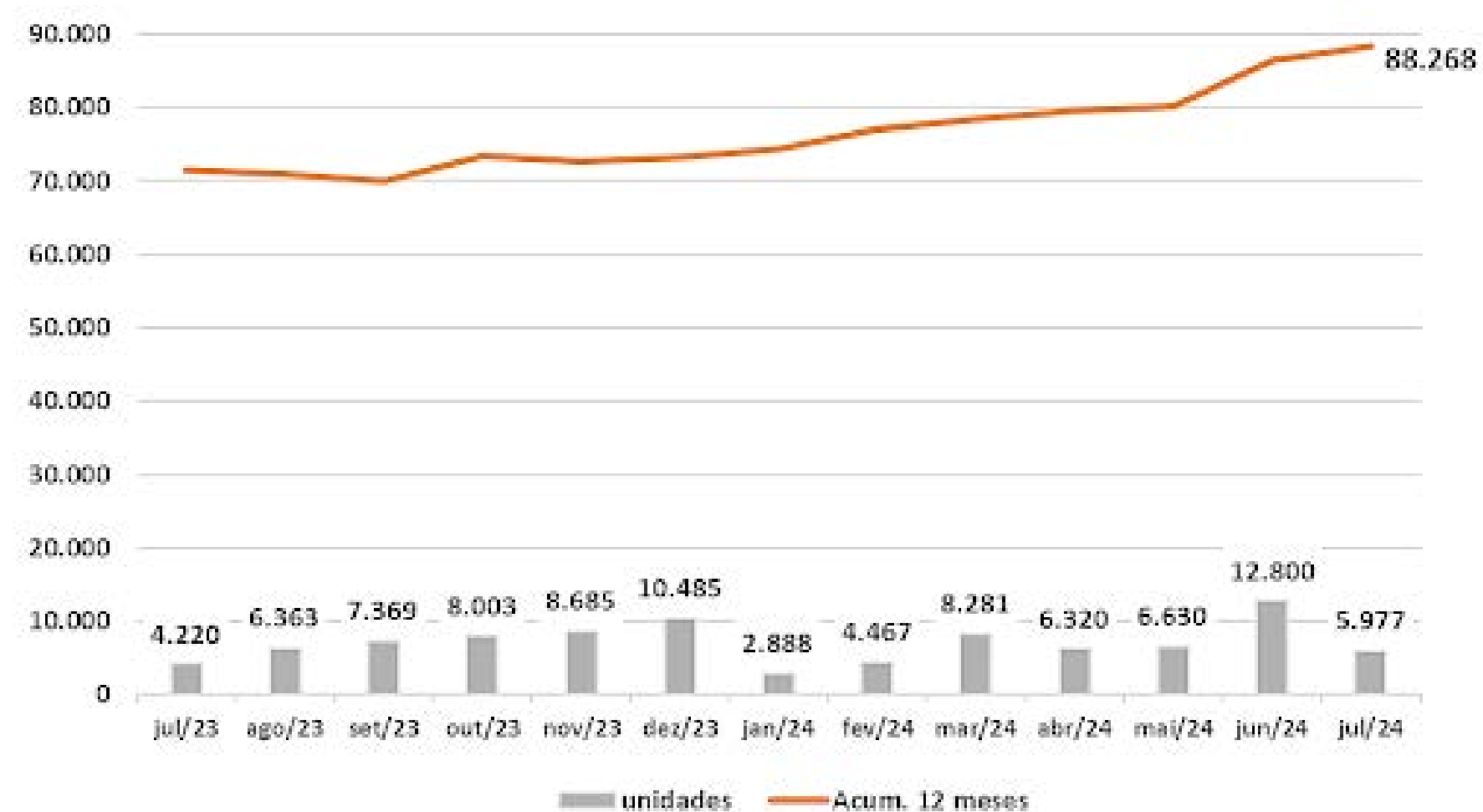
Evolução das vendas mensais e acumuladas em 12 meses de unidades residenciais novas em São Paulo (SP)



Fonte: SECOVI-SP

Os lançamentos de novos imóveis residenciais também se mantiveram em ritmo de crescimento neste sétimo mês de 2024, com 5.977 lançamentos contra 4.220 de julho de 2023 - aumento de 41,6%. Com esse desempenho, nos últimos doze meses, de agosto de 2023 a julho de 2024, são 88.268 unidades lançadas, 2% acima do que foi acumulado nos doze meses encerrados em junho passado.

Evolução dos lançamentos mensais e acumulados em 12 meses de unidades residenciais em São Paulo (SP)



Fonte: SECOVI-SP

“Mais uma vez os números do Secovi apresentam exemplos de quão aquecido se mantém o mercado imobiliário paulistano, um importante sinal positivo para toda a cadeia setorial da construção civil”, avalia o economista Jaime Vasconcelos. “Na verdade, na comparação anual dos acumulados de janeiro a julho, temos 36,4% de crescimento nas vendas de imóveis residenciais novos e um aumento de 46,4% nos lançamentos entre 2023 e 2024”. Em sua opinião, isso mostra não somente como a realidade atual é significativamente positiva, mas também o otimismo do setor em relação às vendas futuras - fato comprovado pelo volume de lançamentos previsto pela indústria imobiliária.

Em geral, a conjuntura aquecida da demanda interna, impulsionada pelo resiliente mercado de trabalho e avanços do mercado de crédito, aliado aos benefícios do Minha Casa Minha vida, estão auxiliando a sustentação deste cenário no mercado imobiliário local.

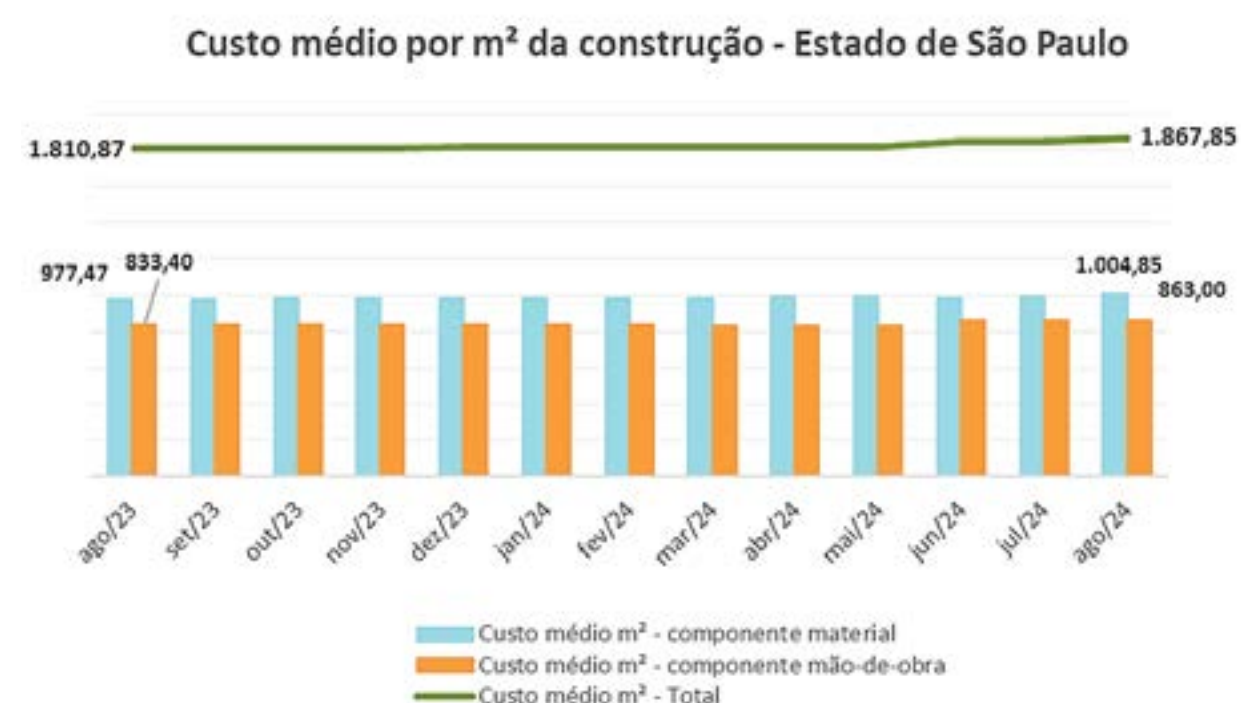


INDICADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

SINAPI/IBGE

O preço médio do metro quadrado da construção civil no Estado de São Paulo contou com uma elevação de 1,03% em agosto, segundo informações do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Sinapi/IBGE). Em valores, este custo médio passou de R\$ 1.848,88 para R\$ 1.867,85, sendo a principal influência o aumento proveniente do grupo material de construção, que subiu +1,68% ou R\$16,56 a mais por m². Já os gastos com a mão de obra variaram 0,28% ou +R\$ 2,41.

No ano, de janeiro a agosto, houve um avanço total do custo médio da obra de 2,77% ou R\$ 50,41. Já no acumulado de doze meses, a oscilação ficou em +3,15% ou R\$ 56,98, sendo que desta última cifra, R\$ 27,38 proveio dos gastos com material de construção e R\$ 29,60 com a mão de obra.



Fonte: SINAPI/IBGE

oitavo mês do ano vieram dos seguintes componentes: vidro (+1,34%), pedras (+2,59%), material hidráulico (+0,34%), madeira e taco (+0,85%) e ferragens (+0,35%). Com isso, é possível estimar a origem das principais pressões de preços”, detalha.

Em sua opinião, ainda é difícil cravar se o cenário inflacionário de agosto será visto também nos meses seguintes. “Porém, até pelo aquecimento da demanda doméstica em geral, uma das preocupações para curto prazo tem sido, em geral, o avanço dos preços médios no país, algo que não seria diferente no ramo de material de construção”. Ainda assim, a expectativa é que não ocorram aumentos tão agudos nas próximas divulgações do indicador.

“Os números de agosto mostraram o quanto foi ‘salgada’ a última variação do custo médio com a construção civil no estado de São Paulo”, pontua o economista Jaime Vasconcellos. Ele explica que o avanço de mais de 1% chegou a ser menor que o visto em junho, mas ainda assim se mostra significativo, principalmente em razão do aumento dos custos com o material de construção. “Observando o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), ao menos no país, as principais oscilações positivas deste

INCC-M/FGV IBRE

O Índice Nacional de Custo da Construção – M (INCC-M) contou com alta de 0,64% em agosto. Apesar do recuo em relação ao mês anterior, que registrou 0,69%, a tendência, segundo avaliação do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV IBRE), é de aceleração nos custos da construção. Tal movimento se mostra mais aparente na taxa acumulada de 12 meses, que alcançou os 4,84% em agosto – patamar superior ao verificado no mesmo período do ano passado (3,06%).

A categoria que mais contribuiu para essa majoração foi “materiais, equipamentos e serviços”, com alta de 0,76%. Todos os subsegmentos de “materiais e equipamentos” contaram com avanço no período analisado em relação ao mês anterior: materiais para estrutura (0,47%), materiais para instalação (2,11%) e materiais para acabamento (0,37%). A Mão de Obra, por sua vez, recuou de 0,85% em julho para 0,57% este mês, o que sinaliza uma queda nos custos laborais do setor.

Maiores variações de preço

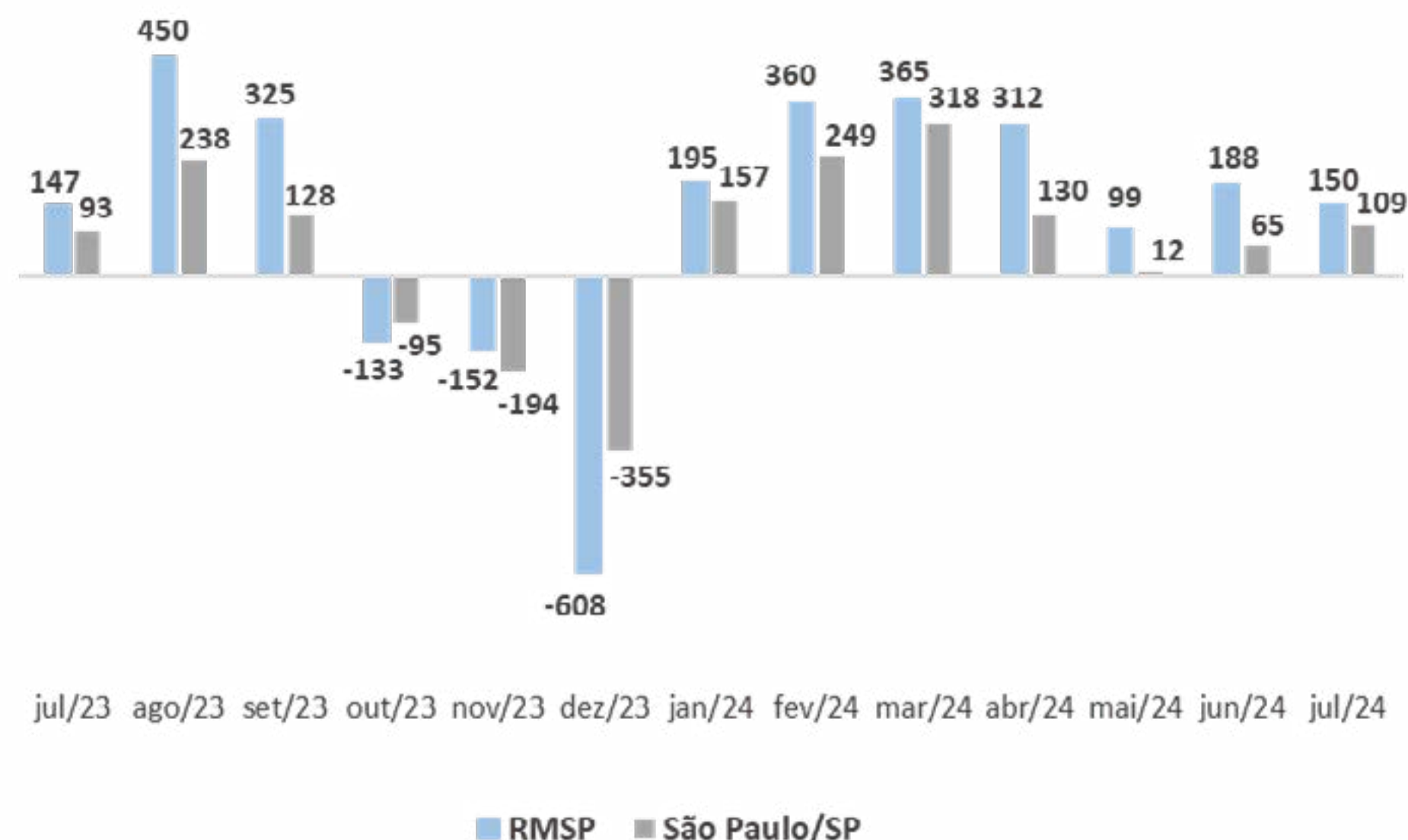
Tubos e Conexões em PVC	7,73%
Eletrodutos em PVC	4,89%
Vergalhões e Arames de Aço ao Carbono	0,79%
Elevadores	0,64%
Bomba de incêndio	-0,63%
Pias, Cubas e Louças Sanitárias	-0,22%
Material Elétrico	-0,21%
Condutores Elétricos	-0,16%

MERCADO DE TRABALHO

150 postos de trabalho com carteira assinada foram criados pelo varejo de material de construção na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), em julho, segundo o Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). Ocorreram ao todo 3.783 admissões de funcionários contra 3.633 desligamentos, considerando um estoque total formado por 96.231 vínculos empregatícios ativos. Com esse resultado, o setor registra o sétimo avanço consecutivo de empregabilidade na Grande São Paulo.

Tal cenário pode ser vislumbrado também com os números especificamente da Capital. Neste caso, o saldo de julho foi positivo em 109 vagas, sendo igualmente o sétimo avanço seguido do indicador.

Evolução do saldo de empregos do varejo de material de construção RMSP e São Paulo (SP)



Fonte: Caged

Dentre os segmentos avaliados, percebeu-se que o maior avanço absoluto de empregos ficou a cargo do varejo de madeira e artefatos, com 57 novos postos de trabalho, seguido pelos estabelecimentos de material hidráulico, com +29 vagas, e pelo comércio de vidro, com +26 postos de trabalho.

Movimentação e estoque de empregos celetistas - RMSP - julho de 2024				
Comércio Varejista	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	58	56	2	984
Ferragens e Ferramentas	686	673	13	16.238
Madeira e Artefatos	278	221	57	6.993
Materiais de Construção em Geral	1.881	1.881	0	50.685
Materiais Hidráulicos	98	69	29	2.139
Pedras para Revestimento	90	82	8	1.837
Material Elétrico	306	299	7	8.026
Tintas e Materiais para Pintura	178	170	8	4.574
Vidros	208	182	26	4.755
Total	3.783	3.633	150	96.231

Fonte: Novo Caged

Elaboração e cálculos: Sincomavi

Movimentação e estoque de empregos celetistas - RMSP - 2024*				
Comércio Varejista	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	371	361	10	984
Ferragens e Ferramentas	4.975	4.626	349	16.238
Madeira e Artefatos	1.874	1.661	213	6.993
Materiais de Construção em Geral	14.152	13.580	572	50.685
Materiais Hidráulicos	652	545	107	2.139
Pedras para Revestimento	577	500	77	1.837
Material Elétrico	2.263	2.059	204	8.026
Tintas e Materiais para Pintura	1.372	1.271	101	4.574
Vidros	1.419	1.383	36	4.755
Total	27.655	25.986	1.669	96.231

Fonte: Novo Caged

Elaboração e cálculos: Sincomavi

*Até julho

No acumulado dos sete meses de 2024, é possível observar um total de 1.669 vínculos gerados pelos segmentos varejistas de material de construção. Em todos os agrupamentos houve mais admissões que desligamentos, com destaques para os resultados dos estabelecimentos de material de construção em geral (+572 vagas) e de ferragens e ferramentas (+349 vagas).

“As informações trazidas pelo Novo Caged em julho são praticamente idênticas ao resultado do mesmo mês do ano passado”, explica o economista Jaime Vasconcellos. E complementa: “Isto é, saldos positivos bastante parecidos tanto na Região Metropolitana quanto ao considerarmos apenas a capital paulista”. Segundo ele, as similaridades não param aí.

O desempenho de 1.669 novas vagas registradas nos primeiros sete meses de 2024 está bem próximo do obtido no mesmo período do ano passado, com 1.652 postos de trabalho. “Este cenário de continuidade quase no mesmo ritmo do avanço do mercado de trabalho mostra a resiliência dos investimentos empresariais frente a um período de recuperação do setor – “pós-ressaca” sentida entre a segunda metade de 2021 e o decorrer de 2022”, ressalta. “Além disso, os números também são credenciais de que também há certo otimismo, ainda que cauteloso, quanto ao futuro do setor, dada a característica de médio prazo, que é o investimento na abertura de novas vagas de trabalho”.

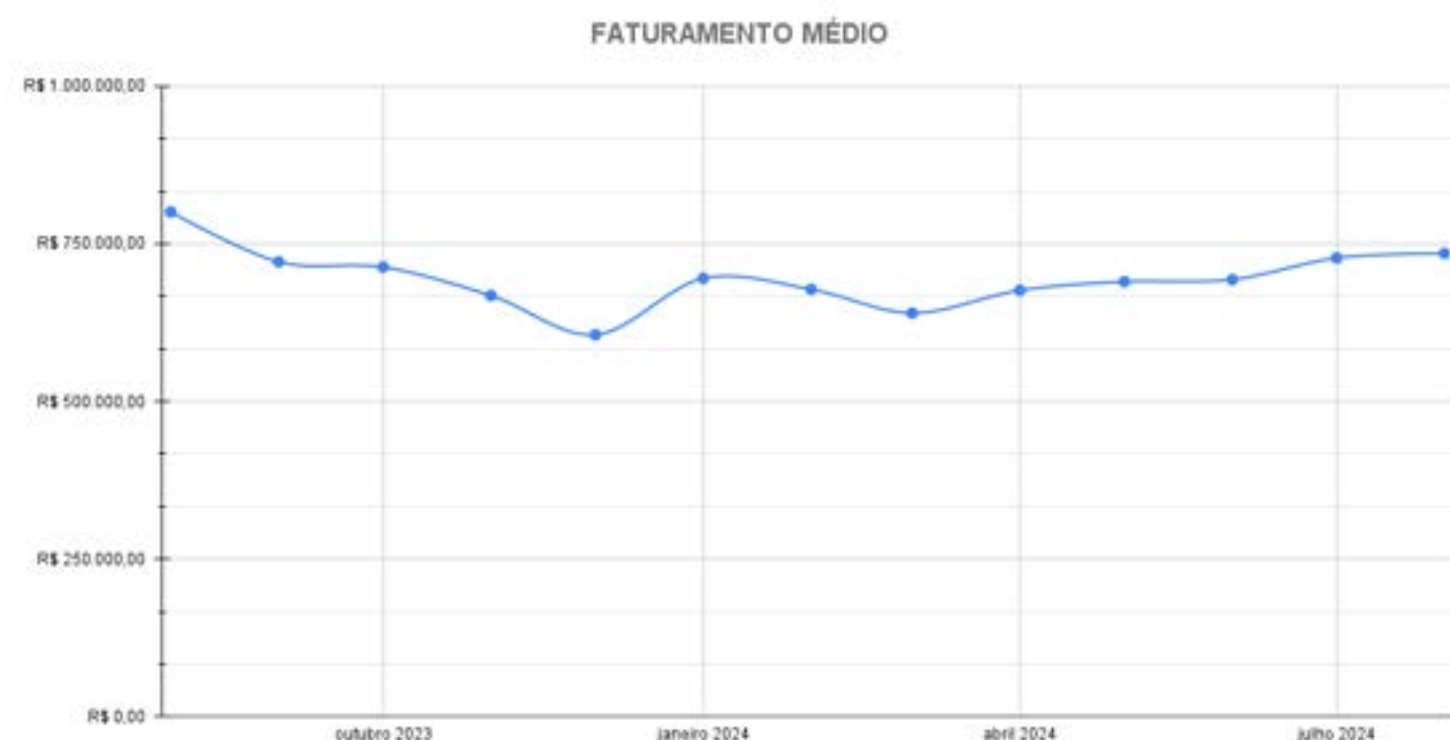
INDICADORES SETORIAIS

Pelo segundo mês consecutivo, o Índice Azure de Reajuste de Preços de Venda - Material de Construção (IRPA) registrou aumento substancial nos preços dos produtos do segmento. Em agosto, a alta foi de 0,40% - variação superior ao verificado no mês anterior: 0,39%. No acumulado de 2024, o IRPA alcançou os 0,83% e, nos últimos 12 meses, de 0,34%. Como é possível observar no gráfico abaixo, existe uma tendência clara de aumento nos preços da construção.

Somente como referência, o indicador que mede oficialmente a inflação no país, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IPCA-IBGE), contou em agosto com queda de - 0,02%. O IPCA teve um aumento no acumulado do ano e dos últimos 12 meses de 2,85% e 4,24%, respectivamente.



Fonte: Azure Sistemas



Fonte: Azure Sistemas

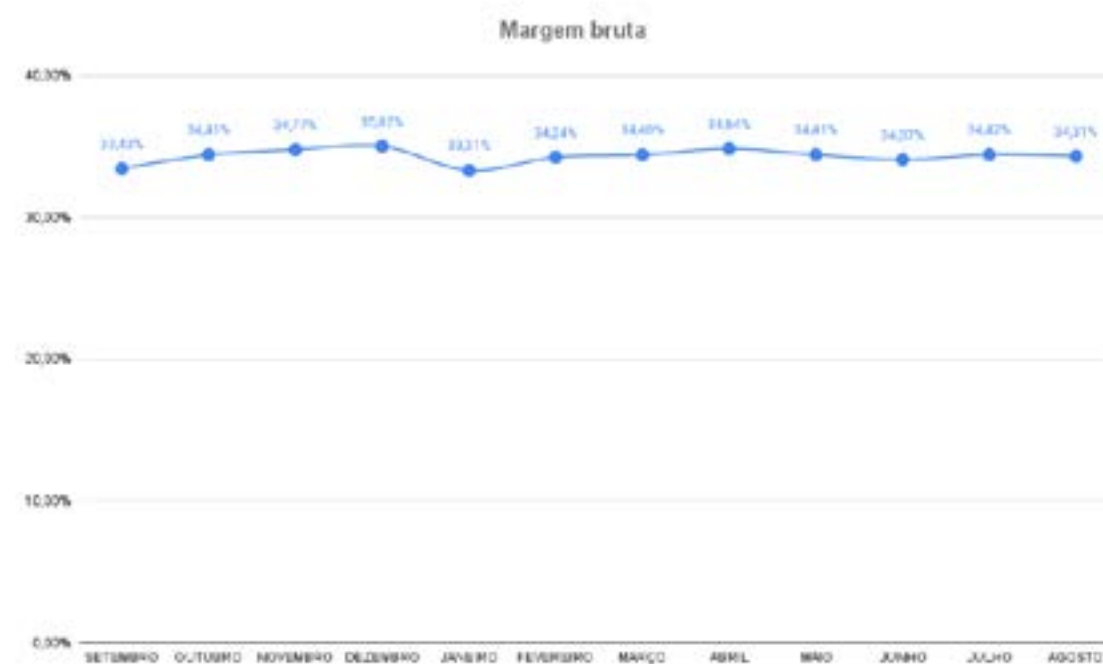
O faturamento médio também avançou em agosto e chegou aos R\$734.631,00. Esse foi o sexto aumento consecutivo desse indicador, que em julho havia alcançado os R\$727.583,00. Apesar disso, o resultado é inferior ao registrado no mesmo mês do ano passado: R\$800.449,00.

Os itens do setor monitorados pelo IBGE para o cálculo do IPCA dentro das categorias “Reparos” e “Eletroeletrônicos” sofreram as seguintes variações em agosto:

IPCA/IBGE

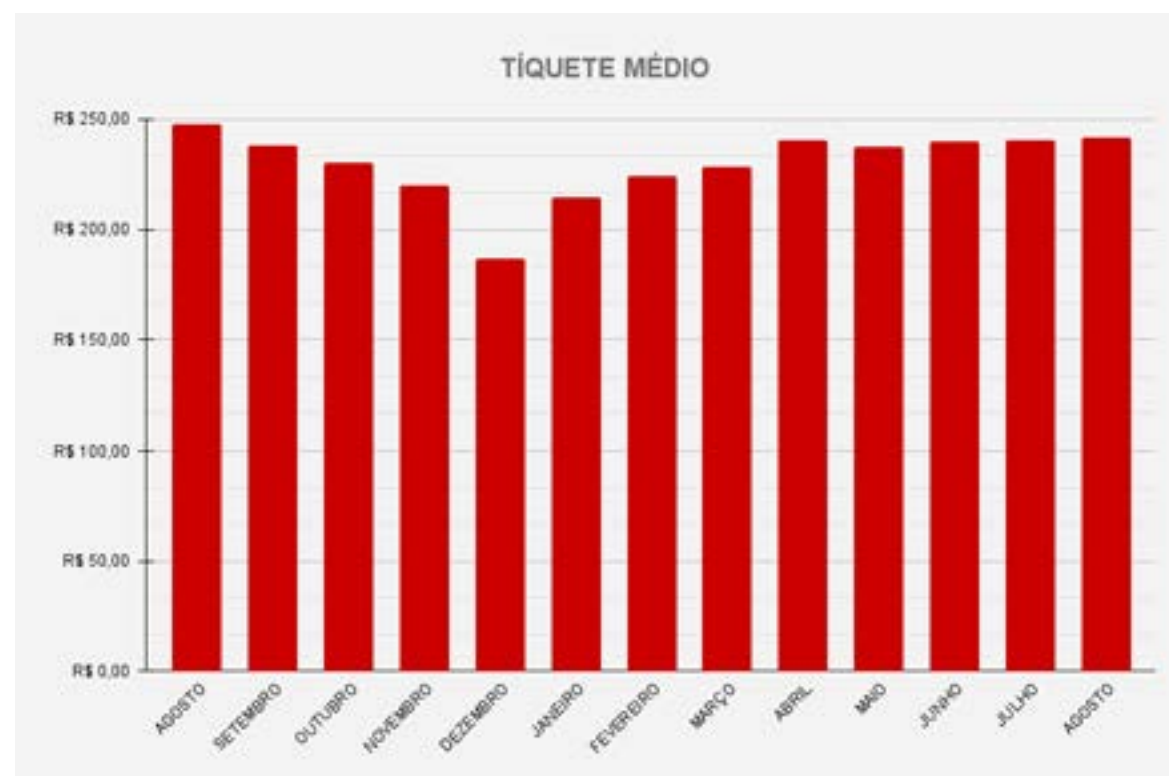
Ferragens	0,35%
Material de Eletricidade	-0,49%
Vidro	1,34%
Tintas	-0,58%
Revestimento de piso e parede	-1,66%
Madeira e taco	0,85%
Cimento	0,31%
Tijolo	-0,20%
Material Hidráulico	0,34%
Areia	-1,24%
Pedras	2,59%
Telha	0,00%
Chuveiro elétrico	1,32%
Ar-condicionado	0,17%
Ventilador	-0,37%

O estudo realizado pelo Sincomavi, a partir de dados fornecidos pela Azure Sistemas em 432 lojas de pequeno e médio portes, verificou ainda que a margem bruta do segmento recuou ao alcançar os 34,31%, em agosto, contra 34,42%, em julho. O desempenho atingido no período analisado se mostrou em linha com a média dos últimos 12 meses (34,30%).



Fonte: Azure Sistemas

Outro indicador que caiu em agosto foi o tíquete médio. Depois de três aumentos seguidos, houve uma queda para R\$241,74 - valor superior à média média obtida em 2023, que ficou em R\$234,32. No entanto, o patamar alcançado se revela aquém do registrado no mesmo período do ano passado (R\$247,78).



Fonte: Azure Sistemas



SINDICATO DO COMÉRCIO VAREJISTA DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO, MAQUINISMOS, FERRAGENS, TINTAS, LOUÇAS E VIDROS DA GRANDE SÃO PAULO
 RUA BOA VISTA, 356 - CENTRO - SÃO PAULO - CAPITAL
 TELEFONE (11) 3488-8200 | SINCOMAVI@SINCOMAVI.ORG.BR

Sincomavi